

# Bráulio Bessa – A lição que a morte deu

Na fazenda Ave Maria  
no ano de oitenta e três,  
deu-se um fato muito triste  
que hoje conto a vocês.  
Duas mortes repentinas.  
Fecharam-se as cortinas  
da vida de dois viventes:  
Zé Vaqueiro, o peão,  
Doutor Cesar, o patrão,  
dois seres tão diferentes.

Diferentes na carcaça  
e também no interior.  
O patrão cheio de ódio,  
o peão cheio de amor.  
Cada qual com seus valores,  
seus sorrisos, suas dores  
e suas convicções.  
Enquanto isso no céu,  
Deus anota num papel  
seus gestos, suas ações.

O patrão, muito egoísta,  
jamais repartia o pão.  
Nasceu em berço de ouro,  
nunca passou precisão,  
não acudia indigente,  
nem ajudava um doente  
prostrado num hospital.  
Cheio de hipocrisia  
pedia à Virgem Maria:  
– “Livrai-me de todo mal.”

Porém, missas e novenas  
Doutor Cesar não perdia.  
Batizou sua fazenda  
em homenagem a Maria  
por quem tinha devoção  
e toda convicção  
de que a santa preparava  
o lugar dele no céu  
sem taxa, sem aluguel,  
na rua que ela morava.

Já Zé Vaqueiro era bom,  
tinha uns quatro corações.  
Deixava isso bem claro  
na pureza das ações.  
Ocupado na peleja,  
nem ia tanto à igreja  
mas só praticava o bem.  
Era justo e generoso,  
muitas vezes caridoso,  
mesmo sem ter um vintém.

Tirava do próprio prato  
mode dar a quem tem fome.  
Ajudava a qualquer um  
sem perguntar nem o nome.  
Era muito judiado,  
quase sempre injustiçado,  
porém nunca reclamava.  
Dizia que o sofrimento  
era um teste, um treinamento  
que Deus sempre lhe mandava.

Num dia comum da vida,  
no Açude Juremal,  
Doutor Cesar se banhava  
e de repente passou mal.  
– “Tô morrendo afogado!”,

gritou ele, agoniado,  
na hora da precisão.  
Zé correu pra lhe salvar  
mesmo sem saber nadar.  
Morreram Zé e o patrão.

E a morte sem critérios  
deu seu golpe derradeiro,  
roubou a vida de Zé  
e a do cruel fazendeiro.  
Ninguém foge do destino,  
seja simples, seja fino,  
seja o limpo ou o imundo,  
esse encontro é garantido  
e por mais bem escondido  
ela encontra todo mundo.

No outro dia ocorreu  
o cortejo do patrão.  
Mais de dez quilos de flor  
perfumando o caixão  
de madeiras trabalhadas  
com quatro alças douradas  
pro defunto ostentar.  
Ao redor, vinte babões  
que trocavam empurrões  
brigando pra carregar.

Mais de cem motos na frente,  
cinquenta carros atrás...  
gente a pé, gente a cavalo,  
coroa, faixa e cartaz  
prestigiando o doutor  
que nunca espalhou amor,  
mas juntou um mar de gente.  
Se fosse um pobre lascado,  
posso até tá enganado,  
seria bem diferente.

No mesmo dia avistei  
o fim de uma vida dura,  
num caixão de compensado  
doado na Prefeitura.  
Pouca gente acompanhando,  
dez vaqueiros aboiando  
e a mãe rezando um terço.  
O derradeiro momento  
da vida de sofrimento  
de Zé, que nasceu sem berço.

Num mundo tão desigual  
inté na hora da morte  
o bolso deixa bem claro  
qual dos dois teve mais sorte.  
A verdade é nua e crua:  
o vil metal continua  
mandando e desmandando.  
Essa conta eu fiz ligeiro:  
o que tinha mais dinheiro  
deixou mais gente chorando.

Depois da viagem feita  
pro mundo espiritual,  
o lugar que deixa claro  
quem é do bem ou do mal,  
fica tudo evidente,  
a justiça é transparente  
e nunca é manipulada.  
É a hora da verdade  
em que toda a humanidade  
um dia será testada.

Doutor Cesar acordou mal,  
pingando suor na testa.  
Já foi logo reclamando:  
– “Eita calor da moléstia!  
Devo estar no quarto errado,

não tem ar-condicionado,  
nem TV, nem frigobar.  
Cadê a Virgem Maria  
pra mudar minha estadia  
e me reposicionar?”

Nisso entrou um galegão,  
jeitoso, de olho azul.  
E disse: – “Prazer, doutor!  
Eu me chamo Belzebu.  
Eu que fiz o seu check-in,  
pode reclamar de mim,  
se tiver mais algum susto.  
Aproveite a estadia  
regada de agonia,  
afinal, o cão é justo.”

O doutor, inconformado  
por ir morar com o cão,  
perguntou a Belzebu:  
– “E cadê o meu peão?  
Infeliz, nem me salvou,  
nem pra isso ele prestou,  
deve estar ardendo em brasa.  
Me responda o que precisa  
pra eu ir dar-lhe uma pisa.  
Onde fica sua casa?”

O cão disse: – “Cabra burro,  
morreu, mas não aprendeu  
que Zé tinha um coração  
bem diferente do seu.  
Lá onde ele foi morar  
a gente não pode entrar,  
mas lhe mostro do portão  
que vai dar pra você ver  
e de longe conhecer  
a casa do seu peão.”

A rua estava enfeitada  
pois à noite tinha show,  
e esse era especial  
pois foi Deus que organizou.  
O palco todo montado,  
a luz e o som testado  
pra grande apresentação.  
O encontro de dois reis  
tava marcado pras seis:  
Elvis Presley e Gonzagão.

Lá na calçada do céu  
a derradeira lição,  
quando avistou Zé Vaqueiro  
pelas brechas do portão.  
Se balançando na rede,  
batendo o pé na parede,  
escutando cantoria,  
sem se preocupar com nada,  
merendando uma coalhada  
feita por Virgem Maria.

Era uma casinha branca,  
pequena, porém tão bela,  
com flores de todo tipo  
penduradas na janela.  
Na frente tinha um terreiro  
e numa placa o letreiro  
dizendo: "Passe pra dentro!"  
No quintal a plantação:  
macaxeira, pimentão,  
cheiro-verde e coentro.

Com pouco tempo chegou  
Jesus Cristo num jumento.  
E disse: – "Zé, meu irmão,  
acabou seu sofrimento!"  
Em seguida deu-lhe a bença

e disse: – “Lá na despensa  
tem uma feira sortida  
que dura a eternidade,  
comprada pela bondade  
que você pagou em vida.”

Nessa hora, Doutor Cesar  
sentiu arrependimento,  
dizendo: – “Eu quero morar  
é nesse loteamento.”  
O cão disse: – “O corretor  
é Deus, o tal Salvador.  
E olhando o seu extrato  
uma coisa eu lhe garanto:  
que aqui não é seu canto,  
compre um lote mais barato.

Lá na rua da Tortura  
tem um condomínio triste,  
dos feios que têm por lá,  
o mais feio que existe.  
Não tem árvore nem flor,  
mas eu garanto ao senhor  
que dá pra você pagar.  
Mora cão do mundo inteiro,  
diz que Hitler é o porteiro,  
é lá que tu vai morar!”

O doutor disse: – “Amigo,  
sou um grande fazendeiro,  
tenho terra em todo canto,  
ouro, joias e dinheiro.  
Sou letrado e tenho estudo,  
mesmo assim eu troco tudo  
por um barraco no céu.  
O inferno é uma prisão,  
não é lugar pra mim, não  
que sempre fui tão fiel.”

O cão deu uma risada  
e disse: – “Seu Doutorzim,  
você diz que foi fiel,  
porém foi fiel a mim.  
Você nunca fez o bem,  
jamais ajudou alguém,  
e agora tá reclamando.  
Avie, vamos simbora,  
pois se tiver mais demora  
vai até lá apanhando.”

Nessa hora, Jesus Cristo  
encostou lá no portão  
e disse: – “Quem sabe um dia  
você ganha o meu perdão.  
Acredite, o sofrimento  
é pro seu melhoramento,  
vai ser lá sua morada.  
A conversa aqui se encerra,  
pois o dinheiro da Terra  
por aqui não vale nada!”

**Bráulio Bessa, Um carinho na alma**